

Vigiar e narrar: sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações¹

John Comerford

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: A partir de pesquisas em duas regiões rurais de Minas Gerais, este artigo aborda modalidades de movimentação e de observação mútua no cotidiano de comunidades morais multilocalizadas. Aborda também as formas narrativas e as dinâmicas de julgamento moral indissociáveis de tais modalidades de observação. Narrativas e julgamentos morais são constitutivos das próprias movimentações, uma vez que para narrar ou para ouvir narrativas, para julgar e saber de julgamentos, é necessário movimentar-se, o que por sua vez potencializa novas observações e narrativas. Essa sistemática de movimentação, conhecimento, recriação narrativa dos eventos, crítica moral, e governo dos movimentos próprios ou alheios, é adensada em momentos ou locais de excepcional *movimento* ou *animação*. Pode ser descrita como uma prática de operações de mapeamento dinâmicas e polêmicas, nas quais casas e os modos de movimentação entre elas são um foco de grande interesse e elaboração. Nesse aspecto, as casas são aqui abordadas como locais de onde, de maneiras diversas, se pode sair (ou não), para onde se pode ir (ou não), onde se pode permanecer (por mais ou menos tempo), e internamente às quais também há movimentações significativamente observadas e comentadas. Com essa abordagem, pretende-se contribuir para um ponto de partida etnográfico para a abordagem da movimentação, tomada como socialidade ou modo de sociação, evitando desta forma pré-definir grades de classificação espacial e formas de categorização de movimentos, bem como deixando de supor causalidades relativas a domínios preestabelecidos da vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento, socialidade, moralidade, narrativa, família e parentesco, Minas Gerais.

No livro *Vista Parcial da Noite*, Luiz Ruffato (2006) conta a história de uma família: residindo em Cataguases, na Zona da Mata mineira, o pai era vendedor viajante aposentado, a mãe, dona de casa. Dos três filhos, um morava em São Paulo, uma filha em Embu, na Grande São Paulo, e outra filha “caiu no mundo”. Em dado momento, o pai passa a ser visto frequentando, em Cataguases, a casa de uma jovem mal falada, tornando-se motivo de chacota para a comunidade e de angústia para a esposa. A fofoca chega aos ouvidos do filho Cleber, em São Paulo, que decide deslocar-se, depois de anos ausente, para Cataguases, numa visita para questionar o pai, que fica indignado com a atitude dele, de precipitando a ruptura: a saída do pai da casa. Pouco tempo depois, Cleber promove a vinda da mãe para visitá-lo em São Paulo. A vinda é desastrosa. A nora paraibana recebe Dona Juventina de maneira fria, a neta adolescente reclama de ter de sair de seu quarto para alojar a avó. Uma tentativa de combinar uma visita à Verônica, a filha de D. Juventina que mora em Embu, também fracassa porque ela e o marido alegam que estão em um momento difícil financeiramente e estariam trabalhando no fim de semana. O resultado é azedar as relações entre Cleber, a esposa e os filhos, bem como reavivar as tensões entre ele e a irmã e as respectivas famílias. Despontam ressentimentos da época em que Verônica acolheu o irmão em sua chegada a São Paulo, bem como acusações de inveja e de orgulho feitas em torno da melhor condição econômica alcançada pela família de Cleber. A mãe, percebendo as tensões que sua vinda ocasionou, antecipa seu retorno a Cataguases. Tranquilizada pelo regresso próximo da sogra, a nora passa a tratá-la de maneira falsamente carinhosa, reclamando do pouco tempo que ela permaneceria com eles.

A evocação é literária e é interessante notar que o autor tem experiência e origem na Zona da Mata mineira, tirando daí a matéria de suas narrativas. Percorremos com Ruffato um mundo de andanças constantemente sob observação e crítica, no qual fofocas que circulam à distância,

pessoas viajam entre casas espalhadas, mas conectadas por tensos vínculos familiares, e no qual reencontros-desencontros inevitáveis reafirmam esses vínculos no mesmo momento em que os rompem ou reconfiguram².

Nas regiões rurais de Minas Gerais em que a pesquisa em andamento que está na base deste artigo vem sendo realizada³, as pessoas não só se deslocam bastante entre casas – no cotidiano ou em momentos mais específicos como festas, velórios ou doenças –, como estão muito atentas aos deslocamentos umas das outras – seja entre casas vizinhas, seja entre casas distantes, de pessoas consideradas do lugar, porém espalhadas por outras localidades rurais, pequenas cidades, ou grandes centros. Deslocam-se rumo a alguma casa para permanências breves, de alguns minutos ou horas, ou longas, de dias, meses ou mesmo anos, que correspondem a ausências breves, longas ou muito longas em alguma outra casa. A atenção aos deslocamentos, ausências, e presenças dos outros, e o saber-se objeto dessa atenção em seus próprios deslocamentos, transformam tal movimentação em foco de narrativa, de julgamento moral, de *assunto*. Esta movimentação é em si mesma uma modalidade complicada, delicada, de produção e ruptura de relações – que se fazem nas práticas de separação e reunião, de convite, de modulação da velocidade e tempo de deslocamento, nas formas de acolhimento e expulsão, nos modos de se fazer presente na ausência, de sugerir que é tempo de uma visita, de insinuar o encerramento de uma visita, de indicar que se está frequentando pouco ou em excesso uma dada casa, e assim por diante.

Em universos sociais em que *família* e *parente* são uma referência central, tais movimentações e as indissociáveis narrativas sobre elas constituem parte importante de processos de familiarização/desfamiliarização (Comerford, 2003). Este artigo procura esboçar possibilidades analíticas que permitam levar em conta a importância dada, nesses universos sociais, não só ao fato de que há movimentações em diferentes escalas, mas à forma das movimentações entre casas, às maneiras de convidar,

chegar, permanecer, sair, voltar, evitar, frequentar, se deslocar, enquanto performance, por assim dizer⁴. Procura tematizar a problematização cotidiana das movimentações, realizada por práticas de observar, bem como de comentar, narrar, ironizar ou criticar as movimentações, práticas estas que são modos de impelir ou impedir movimentações e associações entre casas, ao mesmo tempo em que contribuem para um autoconhecimento reflexivo das relações em jogo nesse universo social e para a formação de sujeitos morais específicos. Em vez de tomar como ponto de partida classes predefinidas de movimentação ou deslocamento (inter-regional, rural-urbano, transnacional, sazonal, de retorno, etc.) e variáveis demográficas, econômicas, geográficas, culturais ou políticas definidas de antemão em busca de causas dos deslocamentos, o artigo procura identificar os termos em que tais movimentações se colocam no cotidiano mais ordinário, ou em alguns momentos de movimentação tidos como extraordinários, como as festas e férias⁵. Busca-os nas maneiras de chegar e sair nas casas, de se movimentar nos caminhos, de dar a ver ou a conhecer suas andanças próximas ou distantes, regulares ou extraordinárias, e de transformar o que se viu e viveu em narrativa. A movimentação é foco de atenção e expectativa, e se faz indissociavelmente de narrativas que tematizam inclusive as causas dos deslocamentos. O artigo busca analisar tais movimentos e narrativas como formas de sociação, bem como identificar as maneiras de governar os movimentos de si, dos seus, e dos outros, a partir das casas.

Zona da Mata mineira: observando e comentando as andanças cotidianas

Realizando pesquisas na área rural de alguns municípios da Zona da Mata de Minas Gerais, entre o final da década de 90 e o início dos anos 2000 (Comerford, 2003)⁶, observei que uma das práticas mais

comuns no cotidiano, estando na casa, no terreiro da casa, ou na roça, era dedicar-se momentaneamente à observação dos que passavam – a pé, de carro, de moto, a cavalo ou de bicicleta – pelas estradas e caminhos. Quem por ali vive, habitualmente interrompe por um instante a sua atividade ou a sua conversa para esticar o olhar, se necessário ir à janela ou se deslocar para um ponto de melhor visão, para ver quem está passando, com quem, e conjecturar para onde estarão indo e o que podem estar indo fazer. Às vezes, não chega a ser necessário ver: ouvir com atenção pode ser suficiente, ainda mais porque às vezes as pessoas conhecem o barulho dos carros ou motos uns dos outros. Sabendo que serão observados, os passantes conhecidos acenam, gritam um cumprimento ou fazem alguma brincadeira. Se estiverem passando diante de uma casa que fique perto da estrada ou caminho, é realmente esperado que se manifestem. Tanto melhor se for com um cumprimento bem humorado, que pode se transformar em breve troca lúdica de provocações, cuja ausência poderá ser tomada como uma perturbação da relação, o tipo de sinal a que estão todos sempre atentos.

Não estando sozinhas, é usual que as pessoas passem imediatamente da observação do movimento alheio ao breve comentário. Pode ser um simples registro de quem está indo aonde, mas também pode ser uma breve conjectura coletivamente produzida sobre quem estava passando, de onde estava vindo, aonde estaria indo, o que poderia estar indo fazer e com quem. Caso mais tarde a pessoa, carro ou motocicleta passe novamente, em seu caminho de volta, isso poderá ocasionar novo registro e novas conjecturas, incluindo talvez uma avaliação do tempo decorrido entre a ida e a vinda. Dependendo das circunstâncias, o breve comentário pode também criar, mais cedo ou mais tarde, a oportunidade de puxar uma conversa a respeito daqueles que passaram, ou daqueles que se supõe que os que passaram estariam indo encontrar, ou da relação entre os que passaram e os que eles poderiam estar indo encontrar,

eventualmente se expandindo de modo a envolver alguma narrativa ou comentário mais extenso sobre os que se deslocam ou seus familiares. Observar os movimentos cotidianos entre as casas ou em direção às casas e comentá-los é ali, portanto, algo muito incorporado, quase inevitável, cuja importância se reconhece de modo tácito pela maneira em que, momentaneamente, se interrompem outras atividades para priorizar a observação (ou audição) atenta e o comentário, e também pela relativa valorização de casas bem situadas para observar os caminhos. A observação dos movimentos é foco ou gatilho da produção de conversas de diferentes graus de elaboração, que são pautadas por referências ao parentesco, aos lugares e à reputação.

Também quem circula se dedica à observação tanto das atividades e das presenças ou ausências nas casas e roças próximo às quais se vier a passar, como dos que estiverem se deslocando pelas estradas e caminhos. Essas observações igualmente podem dar origem a comentários e conversas, de imediato, se a pessoa estiver acompanhada, ou depois. Desde que tenha conhecimento de quem é quem, aquele que é observado também é observador, diferentemente de um arranjo “panopticista”⁷. O mesmo padrão de observação, comentário e conversa pode se repetir no interior dos carros que circulam pela roça carregados de caronas, que têm suas jornadas eventualmente pontuadas por comentários sobre aqueles que se dão a ver aos ocupantes dos carros. As idas das localidades rurais às pequenas cidades são também uma oportunidade importante para observar as movimentações alheias. Além disso, na roça circula-se cotidianamente entre as casas dos mais próximos (geralmente parentes), e circula-se, eventualmente – a depender de situações como doenças ou falecimentos –, por casas de gente não tão próxima, em visitas algo mais formais. Quem pelas casas circula terá momentaneamente em seu campo de observação os outros que se fazem presentes naquele momento na casa que está sendo visitada. O que poderá gerar, por sua vez, comen-

tários e conversas sobre quem foi visto onde. Essas movimentações-observações possibilitadas pela frequência cotidiana às casas daqueles com quem se está mais familiarizado em dado momento, ou por visitas mais eventuais, serão multiplicadas ainda pelas andanças de crianças e jovens. Desde cedo incorporando hábitos de vigilância atenta aos movimentos alheios, crianças e jovens acessam circuitos de perambulação que não necessariamente coincidem com os dos adultos, que por sua vez se beneficiam das informações dessa circulação infantojuvenil, em alguma medida menos sujeita a interditos e barreiras relacionados a inimizades e evitações. Nos finais de semana, a circulação de todos se torna mais intensa, seja entre casas, seja nos caminhos rumo ao campo de futebol, à *comunidade* (salão ou capela), à *rua* (povoado ou sede municipal) ou à *venda*. Com tal adensamento da circulação, haverá certamente muito que observar e comentar, e, nesse sentido, são privilegiados aqueles que residem em lugares descritos, bastante adequadamente, como de *mais movimento* (em oposição aos lugares *parados*).

Tratando-se de uma relação tensa ou mesmo hostil, ou de latente hostilidade, entre pessoas/famílias, a observação é atenta de uma maneira específica, referida como *vigiar*: “Tem que vigiar”, comentou um senhor ao se referir ao modo pelo qual observa as movimentações e ações de seu vizinho, um antigo *valentão* e ex-delegado, e de sua família, depois de narrar um longo enfrentamento em função de divisas e das tentativas de se apropriar de suas terras que esse vizinho teria feito, em conluio com um fazendeiro, aproveitando-se das tensões da família deste sitiante em torno da herança (Comerford, 2007). Esse antigo *valentão*, cuja casa ficava em local de passagem quase obrigatória para quem circulasse entre a *comunidade* e a *rua*, havia mantido durante anos um clima de medo entre os vizinhos. Em dado momento (no qual, se bem entendi os entreditos, havia ameaças latentes em relação a ele), decidiu converter-se às atividades da Comunidade Eclesial de Base (CEB), entregar suas armas ao

padre, e se tornar um dos coordenadores da Comunidade, doando um terreno para a construção de um salão e passando a ser conhecido como compositor de músicas religiosas em concursos promovidos pelas CEBs (antes já era tido como bom violeiro). Apesar da mudança de atitude, o mencionado senhor nunca chegou a confiar plenamente nesse vizinho ou em sua família, e considerava necessário *vigiá-lo*, assim como acreditava que esse vizinho, por sua vez, nunca deixava de *vigiar* também.

Essa sistematicidade e amplitude da observação de deslocamentos, associações, e atividades alheias em um universo de relações em que tensões e hostilidades potenciais ou em eclosão são centrais no fazer-desfazer de relações concebidas em termos de parentesco e família. O enredamento desse modo de observação com modalidades de conversa – que vão de breves comentários a desdobradas narrativas – permite que cada pessoa ou família produza e avive continuamente um importante conhecimento, cercado de expectativa e atenção, de padrões e formas de movimentação usuais dos outros e também dos seus (aqueles considerados próximos em dado momento), bem como de movimentações inusitadas, excepcionais, estranhas, alarmantes ou inaceitáveis. É interessante notar que também a movimentação de animais domésticos é um foco muito significativo de atenção, comentários, e eventualmente tensões⁸. O conhecimento produzido com base na observação dos deslocamentos dos animais vai incidir especialmente sobre o controle ou descontrole de pessoas e famílias sobre seus animais (recaindo maior responsabilidade nos *chefes de família*). O controle ou descontrole é entendido como revelador do *respeito* ou *falta de respeito* por famílias vizinhas, do caráter de dada família, e do estado da relação entre famílias (especialmente através da demonstração ou não de *tolerância* frente a movimentos invasivos dos animais alheios). Todo esse conhecimento sobre a circulação de pessoas e de seus animais de criação, e dos efeitos dos deslocamentos sobre as relações entre vizinhos, será devidamente explorado, multiplicado, ela-

borado, compartilhado, combinado e recriado quando os de uma casa ou seus próximos se juntam, trocam informações, e desenvolvem seus julgamentos. Essas reuniões evoluem conversas mais ou menos prolongadas, sendo esta atividade mesma algo notável pelo que significa em termos de familiarização ou desfamiliarização – e o que ela significa, ou não, nesses termos, é algo sutilmente avaliado, calculado e ajustado a cada conversa ou a cada comentário sobre conversas.

No estudo que fiz, chamei genericamente de *mapeamentos* tais práticas de autoconhecimento dessa sociedade, emolduradas indissociavelmente em termos de família, localidade e reputação (Comerford, 2003). Tais mapeamentos são feitos e refeitos incessantemente através de uma malha de conversas que, tratando não só de deslocamentos e movimentações, mas das ações próprias e alheias de maneira geral, implicam julgamentos morais e são fundamentais para a navegação social cotidiana e para o mútuo posicionamento de pessoas e famílias. Trata-se de um universo social em que os conflitos e tensões, cotidianos ou extraordinários, são sempre referidos, em algum nível, a famílias ou coletivos da ordem do parentesco ou dele aproximável, permanente foco de atividade narrativa. Tais conflitos e tensões são marcadores do engendramento e da transformação de relações que, no entanto, nunca chegarão a produzir mapas, uma vez que nunca se estabilizam completamente e que não há um ponto de vista definitivo ou livre de polêmica a partir do qual possa se obter um produto acabado. Dependem da perspectiva de quem o faz e do contexto, ainda que uma topografia moral e política seja discernível a cada momento – dependendo em larga medida do estado das relações entre famílias, cujos próprios contornos estão em jogo nesses mapeamentos – e da capacidade de certas pessoas e famílias de impor suas interpretações e percepções em meio às lutas cotidianas de versões narradas (entre famílias e dentro delas, sendo que essa distinção entre/dentro está permanentemente em jogo).

O nome “mapeamento” só será adequado, portanto, se ficar claro que se trata não de uma fixação ou registro, mas de um senso de orientação nas relações sociais, constituído por narrativas, que são em si mesmas uma modalidade de sociação. Esse conhecimento produzido e permanentemente modificado tem uma dimensão territorial ao associar sistematicamente, nas narrativas, certos lugares a certas pessoas ou a certos nomes de família⁹ (com a reputação que os acompanha necessariamente), realizando uma demarcação moral, algo que procurei sinalizar adotando a noção de território de parentesco (Comerford, 2003). Esses territórios de parentesco se produzem menos por atos de circunscrição de um território mais ou menos preciso, traçando fronteiras (ainda que fronteiras jurídica ou administrativamente traçadas, como as divisas de propriedades ou limites municipais, sejam um elemento importante), e mais por narrativas de movimentações, habituais ou excepcionais, baseados em observações sistemáticas, e de julgamento dos significados morais dessas movimentações e das reações a elas, em cada contexto. Nesse aspecto, parece útil pensar nos termos propostos por Ingold (2011) quando, procurando escapar do pressuposto de um espaço abstrato e repartido por delimitações que estabelecem conteúdos, ou coordenado por pontos que pré-estabelecem possibilidades de transporte, propõe pensar em linhas de movimento mutuamente referidas que se vão se entrecruzando e conformando um emaranhado (“*meshwork*”) mais ou menos adensado, associado a um conhecimento mais narrativo (“*storytelling*”) do que classificatório. Nesses termos, é a observação sistemática de linhas de movimentação alheias ou próprias e a sua elaboração através de práticas narrativas, de histórias contadas, que, no universo rural dessa região de Minas Gerais, busca-se localizar os adensamentos moralmente significativos dos movimentos de uns e de outros. Nesse processo, configura-se algo como um mapeamento social, constituído por uma malha narrativa (incluindo as narrativas e

os eventos narrativos) como prática cotidiana, no qual se estabelecem territórios de parentesco como uma espécie de chave interpretativa cujo conhecimento é condição para (e resultado de) interpretação e julgamento das ações próprias e alheias.

Dessa forma, a observação dos movimentos alheios entre casas e a consciência de que os próprios movimentos serão observados, faz com que a movimentação esteja associada necessariamente, nesse universo, à narrativa, e que o adensamento *animado* da movimentação corresponda ao adensamento da atividade narrativa. Quem foi visto indo para algum lugar pode dar origem a *assunto*, e se há muitas pessoas indo e vindo, poderá haver muito *assunto*¹⁰. O movimento de cada um e de todos aqueles que sejam vistos como se movimentando sob responsabilidade da família, é uma questão moralmente significativa, de modo que a forma de se movimentar e de governar os movimentos dos que são concebidos como parte da família, ou estando em alguma medida sob sua responsabilidade, é uma questão cotidianamente enfrentada¹¹.

As movimentações aqui enfocadas têm em geral como referência decisiva as *casas* – e nesse sentido, além de todos os outros significados que casas possam ter, funcionam como referências básicas e objetivadas para a realização, interpretação e narração dos movimentos próprios e alheios, constituem lugares ou marcos de um transitar moralmente significativo – estabelecendo um lugar de relativo adensamento e mesmo precipitação e cristalização das relações. Casas são lugares de saída e chegada, de ausência ou presença, de idas e retornos cotidianos ou excepcionais. A forma de nelas chegar ou sair, ir ou retornar, delas se ausentar ou nelas se fazer presente nunca é moralmente neutra ou sem consequências para as relações¹², bem como a forma de observar e conhecer os fluxos que as interligam e as ausências e presenças que demarcam seus momentos, associadas a sons e cheiros¹³. Assim como não são neutras as direções e destinos que se tomam a partir de cada casa, e as regularidades de dire-

ção e destino que se estabelecem ao longo do tempo. Como mostram trabalhos de Carneiro (2010) e de Dainese (2011), há um sem número de pressupostos e de condições relacionais que viabilizam que uma casa se configure como um lugar ao qual se pode ser convidado ou instado a chegar, ao qual se pode chegar sem ser convidado, ou em que se pode efetivamente permanecer após chegar, por diferentes durações que são em si significativas para as relações. As casas dos sitiantes da Zona da Mata (e não menos as do Alto Jequitinhonha que abordaremos adiante) são cristalizadas por esforços coletivos, duradouros e concretos de construção, manutenção e suprimento, indissociáveis de configurações mais amplas de casas e de hierarquias entre casas de tais configurações (no sentido assinalado para as casas do recôncavo baiano analisadas por Marcelin, 1996). Elas contam internamente com subdivisões e modos de circulação associados a gênero, idade, modos de pertencimento, proximidades ou distâncias pessoais e familiares, que delineiam condições para modalidades de prosa e, indissociavelmente, de comensalidade. Tais atividades são sutilmente atravessadas por *cálculos* (Carneiro, 2010), que redundam, articulados aos demais elementos citados, na delimitação de possibilidades e ritmos de chegadas e saídas das casas. O movimento dentro das casas está associado ao movimento fora delas, ao delimitar possibilidades e sugestões de permanência de variável duração¹⁴, como quando se mobiliza um quarto para receber um hóspede. Adensadas tais permanências e regularizados os ritmos, com maior ou menor sucesso, a conjunção dos esforços de construção e manutenção das casas, de suprimento de alimentos valorizados para assegurar a estadia das pessoas, e do saber dos modos de *prosear, brincar, alegrar e animar* potencializa (ou não) chegadas e permanências, transformando a casa num emaranhado de movimentos. Uma casa *sempre cheia, alegre*, demarca também o seu entorno, tornando-se o centro de uma configuração de casas e uma referência na delimitação de uma vizinhança, na qual todos saberão

identificar as casas que *vivem cheias*, em direção às quais muita gente se desloca. No caso contrário, muito se comenta sobre os motivos supostos de certas casas estarem *sempre vazias*¹⁵.

Nas cidades da Zona da Mata, o referido mapeamento e a malha de observação que lhe é correspondente se estendem em alguma medida não só para pequenas cidades vizinhas e centros regionais (Muriaé, Juiz de Fora), mas também para os grandes centros ou cidades industriais médias do Sudeste, onde há bairros específicos com uma presença mais densa dessas famílias que também habitam a zona rural em que fiz pesquisa (cidades da Grande São Paulo, Rio de Janeiro e Baixada Fluminense, Volta Redonda, Campinas, Ipatinga, e recentemente Macaé). Essa extensão provoca inflexões, já que a dispersão ou multilocalização das comunidades morais que se adensam na área rural dessa região faz com que a possibilidade de observação direta das movimentações e ações em geral seja limitada pela distância. Isso não impede, contudo, a circulação de narrativas a respeito das movimentações alheias e próprias em cada uma das localidades, tanto mais vivas quanto maior a facilidade de deslocamento e o acesso a meios instantâneos de comunicação (o celular, por exemplo) que permitem a rápida ou imediata formulação de indicações e comentários sobre quem anda por onde e quem se encontra reunido em dado local em dado momento. A distância e a ausência, ao dificultarem a observação, acabam de certo modo por acentuar a necessidade, a expectativa e o interesse de investigar e narrar idas e vindas (inclusive as próprias) entre casas situadas em espaços geograficamente distantes, idas e vindas que se tornam temas moral e socialmente muito significativos. As férias, por exemplo, são um momento valorizado e esperado, de muito *movimento* na área rural, durante o qual será possível adensar observações e narrativas sobre quem chegou em que casa, quem partiu, quanto tempo ficou, por onde andou, por onde não andou, com quem, quem passou em que direção, com que velocidade, e quem está residin-

do onde. Nas férias, os locais por onde se anda e o modo pelo qual se deslocam os que vêm “de férias” podem ser tornar foco de *assunto* (ver adiante, também em relação ao Vale do Jequitinhonha, onde essa temporalidade é ainda mais marcada em função da distância relativamente maior entre as concentrações de parentes e gente do lugar).

Não há família, na zona rural da Zona da Mata mineira, que não tenha histórias para contar sobre idas e vindas, próprias e alheias, recentes ou antigas, para os grandes centros ou cidades industriais do Sudeste. Nessas inúmeras histórias, comentar os modos de ausência e presença, de saída ou de chegada, de permanência ou instabilidade, as distintas frequências e velocidades¹⁶ de ida ou de volta, são maneiras de avaliar e reafirmar algo como uma “viscosidade moral” específica desses coletivos-em-processo, concebidos em termos de família e parentesco, entranhados em lugares e marcados por suas modalidades singulares de mobilidade, dispersão e concentração. Refiro-me, por exemplo, ao que me contou um senhor idoso, criado em uma localidade rural de um município da região, mas que passou a maior parte da vida trabalhando em Volta Redonda. Hoje aposentado, vive entre sua casa em Volta Redonda e a casa de um irmão nessa localidade rural, casa que fica vizinha à terra que ele ainda hoje mantém ali: passa períodos irregulares em cada um desses locais. Ele narrou, na cozinha da casa do irmão, o modo pelo qual, quando era mais novo, depois de comprar um fusca, voltava frequentemente nos finais de semana para jogar futebol, e retornava no domingo para Volta Redonda, a cerca de 400 km de distância. Ao narrar esse deslocamento, de forma enfática e algo emocionada, destacou o seu não-desligamento da família e daquele lugar ao longo de décadas, uma reafirmação desses vínculos em meio a um relato com muitos entreditos sobre os dramas pessoais que atravessou na relação com a esposa (de quem eventualmente se separou) e os filhos. Seu relato foi acompanhado pelo silêncio aprovador do irmão e da cunhada, diante dos quais desta-

cou a importância que sempre teve para ele a relação com o casal, que sempre permaneceram na localidade e o apoiaram em momentos decisivos da vida, de modo que considerava que é ali que estava a sua família.

Vale do Jequitinhonha: férias e festas na roça dando o que falar

Mais recentemente, em função do interesse por deslocamentos e espalhamentos de famílias rurais, ampliei minha pesquisa de campo para a região do Alto Vale do Jequitinhonha, no centro-norte de Minas Gerais. Os habitantes da área rural dessa região são sítiantes proprietários ou posseiros que cultivam pequenas roças e criam gado, porcos e aves em pequena escala. Desde os anos setenta, são conhecidos seus deslocamentos para o trabalho agrícola sazonal, seja o corte de cana no estado de São Paulo, seja a colheita de café em outras regiões de Minas Gerais, bem como para a produção de carvão, no oeste de Minas Gerais, e para as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, visando o trabalho doméstico, no caso das mulheres, e a construção civil, no caso dos homens¹⁷. Hoje em dia, essa circulação envolve uma gama mais ampla de atividades e locais¹⁸, e acrescentaram-se uma ou duas gerações de pessoas nascidas e criadas basicamente nos grandes centros, mas que também circulam, com frequência maior ou menor, para *passar férias* ou *passar um tempo* com os parentes nos municípios do Alto Jequitinhonha.

Quando lá estive entre setembro e outubro de 2012, percebendo meu interesse pelas famílias espalhadas¹⁹, me recomendaram que não deixasse de voltar entre dezembro e janeiro, tempo de muita *animação e movimento*, de *feira*, em função da volta dos que saíram para a safra de cana, e da vinda dos que moram em São Paulo, Belo Horizonte, ou Nova Serrana (polo calçadista para onde muita gente da região se mudou

nos últimos dez ou quinze anos). Contaram-me então como nas férias as casas se enchem e como as pessoas se reúnem, especialmente os jovens, em alguma casa com churrasco, cerveja, som; e como há folias de São Sebastião e folias de Reis. Incentivado por essas narrativas convidativas, voltei logo depois do natal e permaneci na região até o fim de janeiro. As expectativas criadas foram correspondidas. Circulando na área rural e nos povoados²⁰, geralmente encontrei casas com parentes e amigos sempre chegando e saindo, fazendo refeições em diferentes lugares a cada dia, muita comida sendo feita e gente se reunindo para fazer alguma pequena obra em alguma casa, sempre com direito a churrasco e almoço. Havia também muita atenção e cuidado compartilhado, enfaticamente prazeroso, de todos das famílias em relação às crianças mais novas, muitas vezes nascidas longe, e passando então por seu primeiro contato com os parentes do lugar.

Encontrei também tensões atualizadas ou surgidas em torno da permanência maior ou menor dos que vêm de longe e se hospedam na casa de parentes. Isso é algo explicitamente cobrado em tom mais ou menos provocador. Na sede de um município da região, visitando um senhor idoso muito conhecido e respeitado por ali, encontrei uma senhora, sobrinha desse senhor, também já idosa, que era natural do município, mas há muito tempo residia em São Paulo, e retornava ali pela primeira vez em cerca de vinte anos. Em meio a conversas com o seu tio e outros familiares, em certo momento surgiu o assunto da cobrança que fez o irmão dela, que residira em São Paulo muitos anos e agora morava em um município vizinho, de que ela deveria passar alguns dias na casa dele. Esse assunto se alongou um pouco, e a senhora e seus interlocutores admitiram que, por se tratar de seu irmão, ela teria de fato de passar alguns dias com ele. Foram feitos alguns comentários sobre o modo algo brusco como o irmão havia feito essa cobrança, e fiquei com certa impressão de que o assunto suscitava uma tensão subjacente. Meses depois, visitei

essa senhora em São Paulo, e após uma longa conversa, pude entender um pouco da complicada trama de tensões envolvendo o irmão, que permanecera entredita na conversa que eu presenciara no Jequitinhonha. Após se separar da esposa, o irmão, já então aposentado, voltou à região de origem em Minas Gérias, deixando a esposa e filhos adolescentes em São Paulo. Pouco tempo depois, a ex-mulher dele faleceu e os filhos ficaram sozinhos na cidade, para preocupação de várias pessoas da família. O filho mais velho, que minha interlocutora vê como muito trabalhador e responsável, resolveu ir a Minas, trabalhar em um negócio junto ao pai. Contudo, os dois se desentenderam violentamente, algo que gerou muita tensão entre os familiares. Creio que, ao demonstrar alguma demora a aceitar o convite dele, e ao falar do assunto mais ou menos longamente, em particular com esse tio respeitado e conhecido, que têm vários filhos e netos em São Paulo, essa senhora, ao mesmo tempo em que reconheceu sua obrigação tácita de ficar algum tempo na casa do irmão em Minas, deixou implícita a tensão existente entre eles, que poderia se tornar pública a toda a família que possivelmente ouviria comentários sobre a maneira ambígua pela qual ela aceitou o convite do irmão.

Encontrei também muitas casas que, fechadas a maior parte do ano, possibilitavam aos que residiam fora ter um lugar próprio para permanecer nas vindas anuais. Isso certamente indica, de maneira muito concreta, a intenção daqueles que residem fora de manter vínculos no local. Em vários casos, o investimento nessas casas parecia ser considerável. Elas sinalizavam que, em algum momento, poderia haver um retorno mais duradouro. Em um dos casos que conheci, manter ali uma casa fechada boa parte do ano deu forma concreta – e algo poética, por assim dizer – a um conflito intenso e duradouro entre familiares. Tratou-se do caso de uma senhora solteira e sem filhos, de meia idade, que passou boa parte de sua vida longe do lugar onde nasceu e viveu

até seus 18 anos. Muitos de seus parentes ainda moram lá e sua mãe ainda reside em um sítio próximo ao povoado. Com o dinheiro ganho em seus trabalhos como doméstica e depois como cozinheira em firmas e restaurantes, essa senhora comprou uma casa no povoado. Essa casa, segundo relatou, era muito apreciada por seu falecido pai. Pouco antes de seu pai falecer, a casa foi posta à venda e o pai comentou que seria bom se ela a comprasse, apesar do alto preço que estava sendo pedido. Para surpresa dele, ela conseguiu juntar dinheiro e a adquiriu. Em seguida, o pai faleceu. Há alguns anos, a senhor vinha fazendo na casa uma reforma considerada grande e cara. Assim, quando vinha ao povoado, visitava a mãe na área rural, mas permanecia na sua própria casa, ao contrário de seus outros dois irmãos, que também residiam boa parte do tempo fora, mas quando vinham ficavam na casa da mãe. Aos olhos dessa senhora (e possivelmente aos olhos da família e da comunidade) isso equivalia a revelar e reafirmar uma forte tensão em sua relação com a mãe e os irmãos, bem como rememorar e reafirmar sua ligação com o falecido pai. Sua escolha evocava uma longa história de conflitos intrafamiliares bastante dramáticos, centrados em desavenças entre ela e a mãe, segundo me relatou. Essa tensão a fazia sentir-se deslocada, estigmatizada e *falada* quando permanecia ali; nem por isso ela deixava de voltar ao povoado com considerável frequência.

Os comentários que ouvi na região tendiam a ressaltar a transformação positiva das casas e comunidades rurais na época de *férias*, mas também a *tristeza* que acompanha o esvaziamento das casas de meados para o final de janeiro. É como se nesse período as casas se tornassem mais plenamente casas, com muita comida, crianças, brincadeiras e conversas. Uma das casas tidas como *animadas* em um dos povoados que frequentei é a do tio de meu então anfitrião, um senhor idoso e muito respeitado no local, agricultor que atuou muitos anos como uma espécie de mediador informal em disputas de divisas entre pequenos proprietários, e

que mora hoje apenas com a esposa em uma ampla casa *na roça*. Fui visitá-lo num domingo, acompanhado por meu anfitrião, e encontramos a casa cheia, com filhos, netos, noras, genros e sobrinhos que moram em vários lugares: desde logo ao lado, na sede do município, em Nova Serana (próximo a Belo Horizonte), a Guarulhos (na Grande São Paulo). Havia churrasco, muita comida, doces e refrigerante (mas não bebidas alcoólicas, pois são evangélicos). Meu então anfitrião destacou que a casa de seu tio estava sempre cheia, mostrando que até mesmo havia um pátio ao lado da casa com espaço para os muitos carros e motos. De longe, quando chegávamos, já era possível ouvir a animação da casa, e, quando saímos, mais parentes ainda estavam chegando de motocicleta.

Uma espécie de ritualização dessa movimentação intensa entre casas e dentro delas é a folia de São Sebastião. Trata-se de algo como uma invasão consentida das casas por parentes e vizinhos em um momento previamente combinado, resultando em um curto período de movimento extremo, ruidoso, com música, dança, distribuição de comida e bebida, numa animação exuberante, contida apenas durante o momento solene dos cantos de agradecimento aos anfitriões e a São Sebastião. Nessa ocasião festiva, para além dos que normalmente frequentam cada casa que recebe a folia, acrescentam-se muitos outros, alguns dos quais jamais seriam recebidos em outra ocasião e jamais se deslocariam rumo àquela casa. Coroando vários dias de saída da folia na área rural e no povoado, realiza-se a festa de São Sebastião na praça do povoado. Mesmo *criticada* por não ter sido uma festa tão *animada* quanto se esperava, a folia que acompanhei não careceu de motivos para se comentar. Logo cedo, no dia seguinte, estava em meu quarto, numa casa anexa, um pouco abaixo da casa dos meus anfitriões, colocando em dia meu caderno de campo, quando chegaram as filhas do casal que me hospedava e suas crianças. Em pouco tempo, uma das filhas, geralmente a mais discreta, que sempre falava em voz baixa, estava contando, em voz alta, casos da festa no

povoado, imitando de maneira hilária a fala e o jeito de várias pessoas que lá estiveram. Minhas anotações no caderno de campo tiveram que ficar para mais tarde: não consegui resistir muito tempo à animação na cozinha da casa de cima e fui para lá tomar café, comer biscoito de polvilho e ver e ouvir a performance cômica, a recriação narrativa de episódios da festa e os comentários que daí foram derivando.

Esse meu breve deslocamento, quase inevitável, da casa anexa à cozinha da casa principal, atraído pelos barulhos, cheiro de café, performances e falas que constituem a *animação*²¹, não é muito diferente de inúmeros outros deslocamentos rumo aos sinais ou à expectativa de *animação*, inclusive aquela resultante de uma *animação* anterior. Saber onde há ou haverá gente é fundamental para saber-se aonde ir; tornar visível, audível ou comentada a *animação* é essencial para garanti-la. Um casal que chegara à região para as festividades me explicava que, no lugar em que moram, na Grande São Paulo, caracterizado por eles como de muita concentração de gente desse município mineiro, a primeira pergunta que as pessoas se fazem ao se encontrar, de setembro em diante, é: *vai prá Minas quando?* Ao longo do ano, vai-se cultivando coletivamente a expectativa do movimento em Minas, em contraste com o cotidiano paradoxalmente *mais parado* de São Paulo. Mais que apenas o lugar de origem, o lugar de onde se tem saudade, as casas de Minas são, nesse momento do ano, o lugar da *animação* e do *movimento* que ninguém quer perder.

Vir de longe, em si mesmo, gera muito *assunto* nessa época: os comentários sobre quem veio ou deixou de vir, quem já foi, quem ainda está, quem está ficando onde, que casa está *animada* ou *cheia*, quem está ou não frequentando que casa, as histórias da viagem, são parte importante das conversas nesse tempo de muito *movimento*. Assim, nesse momento de vida social intensificada, as pessoas dedicam-se a observar e comentar os deslocamentos entre casas e a animação relativa das casas, bem como a avaliar a animação relativa do lugar como um todo em comparação a anos

passados e em comparação a comunidades vizinhas, o que justifica especial atenção às festas das diferentes *comunidades*. Nessa época, fala-se muito também de deslocamentos aos lugares com oportunidades de trabalho, combinam-se viagens em busca de trabalho ou se fazem convites para que uma pessoa acompanhe a outra onde haja *serviço* certo.

Em certa ocasião, nesta mesma época, em uma venda num bairro de uma pequena cidade da região, acompanhei a conversa de um grupo de vizinhos, todos homens, conhecidos entre si de longa data. Entre parentes ou compadres, bebíamos cachaça, sempre iniciando-se as rodadas com uma oferta de bebida aos outros. A conversa era ruidosa, passávamos por vários assuntos, faziam-se muitas provocações jocosas, e também se comentavam sobre trabalho. Alguns dos ali presentes vinham trabalhando há algum tempo para uma empresa que leva os trabalhadores a outra região de Minas Gerais, o município de João Pinheiro, para produzir carvão. Ficam períodos de 20 dias fora, e retornam por alguns dias antes de voltar novamente. Em dado momento, um dos homens, o que há mais tempo estava nessa empresa, dirigiu-se a um rapaz jovem. Falou de maneira mais formal, quase cerimoniosa, contrastando com o ritmo acelerado, provocador e gozador que predominava na conversa. Convidou-o a ir trabalhar na empresa, elogiando-o como trabalhador respeitado e reafirmando que ele se daria bem com o grupo que ia a João Pinheiro. Esse rapaz, eu soubera antes, sempre morara ali no bairro, porém saía para trabalhar fora desde seus 16 ou 17 anos, em geral no corte de cana. O pai, sozinho, fora responsável por sua criação, bem como a dos seus vários irmãos, pois a mãe falecera cedo. Várias pessoas do bairro haviam se mobilizado para ajudar o pai a criar as crianças, inclusive oferecendo-se para *ficar* com alguma delas. Contudo, o pai insistiu em se manter responsável por todas, para admiração geral, mesmo sem se casar novamente. O que era reconhecido como bom caráter desse jovem e dos outros filhos era tido como uma vitória moral do pai, e até certo ponto

da vizinhança. O convite ao jovem, feito de forma surpreendentemente cerimoniosa em meio àquela prosa bem regada a pinga e piadas, parecia dizer algo da atitude em relação a esse jovem, sua família e a vizinhança. Esta atitude não estava ausente da maneira pela qual o próprio rapaz, em outra conversa, descreveu suas andanças pelo mundo, no corte de cana, ressaltando que gostava muito de conhecer o mundo, de viajar e *curtir*, mas, ao mesmo tempo, sabia não se enveredar por *caminhos tortos* – e suas viagens, nessa narrativa, apareciam como uma prova disso, fazendo-o merecedor do sofrido empenho do pai e dos que o ajudaram. No tom algo cerimonioso desse convite para viajar e trabalhar, parecia estar em jogo mais do que apenas arregimentar braços para um determinado trabalho envolvendo um deslocamento temporário, trazendo também uma espécie de apreciação moral de uma família e da própria coletividade dos daquele lugar, que se reuniam ali em torno de pinga, brincadeira, provocação, e reafirmação que ali todos se conhecem, se ajudam, sabem brincar e são trabalhadores que enfrentaram e enfrentam o mundo sem perder o rumo, ao menos no que diz respeito à sua convivência e respeito mútuo.

Em outra situação, em um povoado rural deste mesmo município, uma viagem particularmente dramática me foi relatada por uma senhora, filha de um casal idoso de um povoado da região. Os pais dessa mulher há muito moravam por ali, em terras próprias. São donos de uma casa que *vive cheia*, cercada por casas de filhos e netos. Foi nessa casa que a encontrei, quando fui conhecer seus pais, levado pela filha do meu anfitrião, que morava nas redondezas. Sabendo de meu interesse por histórias de famílias espalhadas, vários dos presentes incentivaram essa senhora a contar sua história, que já era conhecida de todos. O caso era que, depois de mais de trinta anos em São Paulo, cheios de reviravoltas pessoais narradas de forma emocionada, sugerindo algo como intervenções milagrosas em relação à sua saúde e ao primeiro casamento (com um homem da mesma

localidade, já falecido), e de muito trabalho sofrido (algo ressaltado muitas vezes na narrativa), ela havia resolvido subitamente, há poucas semanas, voltar a morar ali no povoado, juntamente com seu segundo marido, paraibano, a filha paulistana (do primeiro casamento), o marido dessa filha, também paulistano, e a neta, ainda bebê. Tomaram essa decisão quando, na viagem para visitar a família em Minas, o carro sofreu um grave acidente e todos escaparam ilesos. Entendendo o fato como sinal e milagre de Deus, resolveram que era o momento de se mudar para Minas. A vinda deles veio a reforçar a *animação* da casa dos velhos, bem como a associação entre aquele canto situado na entrada do povoado e essa família. Afetou-se até mesmo o equilíbrio religioso do pequeno povoado, já que todos da família são evangélicos. A aposentadoria dos velhos e o fato de serem donos de terra suficiente no povoado para construir novas casas certamente ajudaram a viabilizar a mudança. Durante a narrativa, diversas considerações foram feitas, pela narradora e por sua filha, em relação às vantagens e dificuldades da vinda. Mas, o que mais se ressaltou foi o milagre da sobrevivência ao acidente e o fato de que se tratava de um sinal para o retorno definitivo. Comentários a respeito dessa decisão, que ouvi de outros habitantes do lugar, destacavam o fato notável de terem decidido a volta após o sofrimento e susto do acidente, como que coroando a vida de sofrimentos da filha do velho casal.

Deslocamentos para longe e retornos ao lugar rendem, portanto, narrativas e comentários perpassados de considerações sobre trabalho, sofrimento, coragem e vitórias, sobre dificuldades, aventuras e lugares espantosos, passagens contadas com muito humor, e considerações sobre intervenções divinas ou espirituais. Tudo isso de algum modo mapeia o lugar e suas as famílias, qualificadas moralmente por seu modo de circular e de se estabelecer ali ou em outros espaços, e pelo modo como mantém ou não ligações com o lugar de onde são²².

Considerações a meio caminho

Os deslocamentos habituais ou excepcionais entre casas na vizinhança, ou entre casas ligadas, porém distantes, em contextos como os acima explorados, perderiam uma dimensão central de seu sentido próprio se descritos apenas como rearranjos econômicos causados por transformações do mercado de trabalho, ou problematizados apenas em relação a distinções previamente supostas e externamente definidas entre rural e urbano, nacional e transnacional, inter-regional e local; ou ainda descritos como movimento permanente, cíclico, sazonal, ou de retorno, tendo como referência o local de nascimento. Ou ainda, se tais movimentos fossem tomados como determinados por decisões individuais. Nesse universo, deslocamentos em várias escalas, devidamente observados, ou *vigiados*, são matéria prima de *conversa*, e não podem senão ser coletivamente recriados como narrativa, do gênero mínimo do comentário a formas quase épicas referentes a longas jornadas, lugares distantes, aventuras inesquecíveis e milagres decisivos, ou mesmo em formas cômicas e performáticas que, contadas em voz alta e acompanhadas de muita risada, café e quitanda, podem provocar a vinda de gente em busca de animação. Assim, é nessas conversas, em suas diversas modalidades e graus de elaboração, em um contexto atravessado por tensões e disputas inter e intrafamiliares, que parece mais produtivo buscar os termos e critérios por meio dos quais tais deslocamentos ganham sentido e importância, e buscar como e em que medida a forma ou maneira de se deslocar é problematizada e relacionada a uma configuração ético-moral singular, um coletivo que tem em figuras como *família* e *parentes*, entre outras expressões aproximáveis, uma referência central.

Presenças ou ausências súbitas, ou regulares; visitas ou não-visitas inesperadas; permanência pouca, excessiva, ou na medida na casa de alguém; o trânsito, apressado ou lento; as caminhadas por desvios e

atalhos atravessando ou não terrenos alheios; animais muito presos ou descuidadamente soltos; mulheres e crianças andando muito ou pouco para fora de casa, na direção de uma casa ou outra; o parente chegando bem na hora boa do almoço; e tendo chegado, comer rápido e sair, ou comer devagar e ir ficando; ouvir dizer que fulano estava na casa de um parente; a visita rápida ou demorada de uma pessoa com quem estava dado o rompimento, observada e comentada pelo vizinho e logo pela vizinhança; a interrupção da frequência de alguém que *vivia* em uma casa; a criança proibida de ir a alguma casa, ou a criança que passa tempo demais com esses ou aqueles avós ou tios; a reclamação da mulher que o marido ainda frequente a casa de tal ou qual pessoa que ela considera abjeta; a casa considerada cheia ou considerada vazia em janeiro; a chegada ruidosa ou discreta, anunciada ou não, de um vizinho ou parente; a filha ou a irmã que, ao vir, permanece ou deixa de permanecer na casa da mãe ou na casa do irmão; muitos ou poucos presentes trazidos ou levados de longe ou para longe, entregues ou não entregues de uma maneira ou de outra, sob o olhar discreto de um ou outro parente; o conflito entre irmãos e entre cunhadas ocasionado pela vinda da mãe/sogra; a solidariedade entre irmãos no acolhimento em um grande centro, que pode dar origem a cobranças e ressentimentos intermináveis no futuro. Não é pequena a diversidade nem a importância dos possíveis assuntos que derivam da boa observação, visual ou não, direta ou indireta, dos movimentos ordinários ou extraordinários entre casas, das andanças que as pessoas do lugar fazem no mundo, e das narrativas que acompanham todos esses trânsitos, narrativas que, elas próprias, podem se tornar motivo para deslocamento em busca de *notícia*, *assunto*, ou *fofoca*, o que por sua vez poderá ser devidamente observado e contado.

Noções como rede familiar (Gessat-Anstett, 2001; Olwig, 2007), configurações de casas (Marcelin, 1996), ou as casas “daqueles com quem se pode contar” (Stack, 1974), sugerem em seu conjunto (guardadas im-

portantes diferenças de formulação e referencial teórico) coletividades que não coincidem com um grupo doméstico nem necessariamente com alguma unidade mais ampla genealogicamente referida, ainda que modalidades de co-residência e comensalidade, bem como laços genealógicos reconhecidos, possam ser referências fundamentais (ou não, dependendo do contexto)²³. Tais coletividades podem até mesmo ser bastante opacas a um observador externo, mas são muito reais, decisivas e vinculantes, bem como cuidadosamente conhecidas, e objetos de mapeamento, para os que de alguma forma delas fazem parte. Os autores mencionados, em suas abordagens diversas, sugerem coletividades constituídas por espaços multidomésticos mais ou menos interdependentes, tensamente hierarquizados, com desdobramentos potenciais que vão se constituindo dinamicamente, às vezes só perceptíveis retrospectivamente. Recursos diversos são compartilhados, ativados e governados com base em critérios morais e no reconhecimento de relações vitais em vários planos (do sangue, da consideração, da espiritualidade, da co-responsabilidade, da reputação compartilhada, do cuidado), mesmo através de grandes distâncias (como nos lares transnacionais cabo-verdianos descritos por Drotbohm, 2009; nas redes familiares caribenhas descritas por Olwig, 2007; ou, em um trabalho bem mais antigo, nas famílias de camponeses poloneses que trocam as cartas analisadas por Thomas e Znaniecki, 1974[1918]). Tratam-se de relações que procedem também por rupturas, tensões, conflitos, desencontros, ressentimentos, angústias coletivas e mesmo tragédias. Apesar de suas cisões, essas relações têm potencial de criar algo como uma viscosidade, que as faz durar e perdurar, que as estabiliza durante certo tempo e que as torna reaviváveis mesmo quando permanecem pouco ativadas por muito tempo.

A observação e comentário ou narrativa dos trânsitos entre casas de algum modo interligadas redundam, em contextos como os acima descritos, em um adensamento de considerações e julgamentos morais e

contribui para a consideração cotidiana dos estados das relações que delineiam a cada momento tais coletividades. Com relação a uma casa de alguém significativo, parente, contraparente, vizinho, conhecido, alguém com quem se está em aproximação ou em distanciamento, fazendo aliança ou fazendo ruptura, e de quem se conhece *causos* e genealogias, chegar ou sair, permanecer ou se ausentar, retornar ou não, nunca são atos moralmente insignificantes. Todos esses atos podem ser realizados de diferentes maneiras, em termos do modo de se ausentar, de se fazer presente, da maneira de convidar, chegar, receber, da forma de se deslocar, e assim por diante. Essas maneiras serão, polemicamente ou não, consideradas certas ou erradas, adequadas ou inadequadas, aceitáveis ou inaceitáveis, felizes ou infelizes, respeitosas ou desrespeitosas. Essa problematização²⁴ cotidiana é realizada em conversas, comentários, fofocas, mas também consolidada em uma certa etiqueta, certa disciplina, em relação ao que se espera de si, dos seus e dos outros, na vizinhança ou à distância, e acaba por constituir um cuidado ético ordinário, cotidiano, configurador de sujeitos morais²⁵. Ao mesmo tempo, redundando em maneiras de gerir, coordenar ou governar coletividades dispersas, impelindo ou impedindo, acelerando ou retendo movimentos, trânsitos, circulações e associações – um processo sempre complexo, uma vez que se trata de coletividades instáveis atravessadas por uma variedade de forças e poderes e sujeitas a muitas fragilidades, em que tentativas de direcionar movimentos e permanências podem ter resultados frustrantes.

Por fim, volto ao livro mencionado no início deste artigo (Ruffato, 2006). Cleber não conseguiu, afinal, organizar a visita coletiva à irmã para celebrar a vinda da mãe a São Paulo, o que só azedou ainda mais as relações entre sua família e a da irmã. A desavença acelerou a volta da mãe para Cataguases, onde ela residia sozinha como resultado da saída do marido de casa, precipitada pela visita e cobrança moral feita pelo próprio filho. Suponho que, se Cleber tivesse conseguido organizar a

visita, o resultado possivelmente teria sido tão desastroso quanto sua visita original para aconselhar o pai, depois de anos de ausência. Só posso imaginar que em Cataguases, como nos lugares por onde andei em Minas, tal circulação *daria o que falar*.

Notas

- ¹ Este artigo é resultado parcial de uma pesquisa em andamento. Agradeço o apoio financeiro da Faperj. Agradeço a Ana Carneiro, Ana Cláudia Marques, Carmen Andriolli, Grazielle Dainese, Jorge Villela e Moacir Palmeira pelas discussões, bem como aos participantes e debatedores do seminário “Giros etnográficos em Minas Gerais”, realizado em 2012 no PPGAS/Museu Nacional, com apoio do CNPq. Agradeço a Emília Godói e João de Pina-Cabral pelo convite para participar do simpósio “Habitar o Mundo”, realizado na Unicamp, em que uma primeira versão deste artigo foi apresentada e debatida. As falhas são de minha inteira responsabilidade.
- ² *Inferno Provisório* é uma publicação composta por 5 volumes, dos quais o livro mencionado de Luiz Ruffato é um. Nele, o autor oferece um notável conjunto de narrativas literárias entre dramáticas, trágicas e irônicas, entre as quais aparecem com força relações familiares e vicinais de operários, sitiantes, biscateiros, vendedores, prostitutas, enfermeiras, donas de casa, etc., relações que juntam tensão, cuidado e violência. Aparecem também os marcos ético-morais e emocionais da circulação entre as localidades rurais e pequenas cidades da Zona da Mata mineira e os grandes centros urbanos do sudeste.
- ³ Na Zona da Mata mineira, venho pesquisando desde fins dos anos noventa; no vale do Jequitinhonha, a pesquisa começou a ser realizada a partir de 2012.
- ⁴ No sentido dado a essa palavra por estudos etnográficos na interface da antropologia da linguagem, etnografia da fala, e a “poética social”; uma síntese interessante pode ser vista em Bauman e Briggs (1990).
- ⁵ Diversas possibilidades de abordagem sobre os deslocamentos orientaram diferentes investigações que compõem o tema das migrações. Uma leitura crítica dessa literatura tal como se apresentou até os anos setenta, em relação a migrações “rurais-urbanas” e “êxodo rural” no Brasil, realizada no âmbito de um projeto coletivo de pesquisa sobre o Nordeste, é apresentada em Palmeira e Almeida (1977). Esse

texto aponta a necessidade de partir da percepção, formulação e classificação que os próprios atores fazem sobre os seus deslocamentos, em seu contexto social próprio, em vez de impor um recorte prévio e externo. Em direção distinta, mas também crítica a definições externas e prévias relativas aos deslocamentos, Hage (2005) diferencia “deslocamentos físicos” e “deslocamentos existenciais”, sugerindo que nem sempre um deslocamento transnacional, por exemplo, seja o mais definidor em termos existenciais, algo que só pode ser determinado empiricamente em pesquisas em comunidades dispersas, mas concretamente articuladas.

- ⁶ Nessa região, nas áreas onde fiz pesquisa, predominam pequenas propriedades trabalhadas pelos proprietários e suas famílias e propriedades maiores trabalhadas por meeiros, ou por meeiros e pela família dos proprietários, ou, ainda, fazendas maiores trabalhadas por meeiros e assalariados, cujos proprietários geralmente não residem no local. Os agricultores, tanto pequenos proprietários como meeiros, dedicam-se a cultivar roças diversificadas e pequenas lavouras de café, bem como à pequena criação de gado, porcos e galinhas. Fazendas maiores são em geral voltadas mais especificamente à produção de café ou criação de gado leiteiro ou de corte.
- ⁷ Trata-se de um arranjo contrastante também com aquele assinalado por Herédia (1989: 51-52 e 125-126) para os engenhos do Nordeste canavieiro, centrado na possibilidade de observação por parte do senhor de engenho ou seus prepostos.
- ⁸ Para uma análise sobre essa questão em outra região de Minas Gerais, ver Pereira (2013) e Andriolli (2011).
- ⁹ Estou deixando em segundo plano, aqui, a grande importância do conhecimento genealógico produzido e reproduzido nessas operações de mapeamento. Sobre esse tema, ver Comerford (2003, capítulo 1), Marques (2002, 2013) e Villela (2011).
- ¹⁰ Em texto apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, procuro explorar a ideia de que, na inflexão de sentido que pode assumir em localidades rurais como as que pesquisei em Minas, *assunto* é um encadeamento relativamente denso de conversas sobre acontecimento(s) envolvendo pessoas e famílias conhecidas, ou seja, que fazem parte do jogo de pertencimentos (em particular de parentesco) que envolvem os que conversam, e resulta na elaboração de julgamentos morais. Mais que julgamentos referidos a normas mais ou menos estabilizadas ou canônicas por meio de um procedimento previsível e sancionado, o encadeamento singular que corresponde ao *assunto* vai delimitando, de modo público e polêmico, e com recurso às mais variadas fontes de autoridade moral, critérios e referências pertinentes aos eventos em foco (inclusive as próprias conversas), ao mesmo tempo em que, nas conversas ou prosas

que o compõe enquanto sequência imprevisível de eventos demarca moralmente e agonisticamente a configuração singular que o torna possível.

- ¹¹ A esse respeito é valioso o trabalho de Ferreira (2011), que ao abordar casos em que a família perde o controle sobre as movimentações de um dos seus – que “desaparece”, e, por isso, recorre-se à polícia –, revela o trabalho cotidiano e mais ou menos coletivo de conhecer e governar o movimento dos membros da família. Também os trabalhos de Novaes (2011) e de Rumstain (2011) trazem à tona personagens (*peões rodados, peões no trecho*) cuja movimentação escapou ao governo da família, com todas as implicações que isso tem.
- ¹² Sobre chegadas e saídas em termos de separações e reuniões socialmente significativas, referido ao contexto rural chinês, ver Stafford (2000), que procura levar a sério a dimensão ritual de atos de separação e reunião espacial, referidos a casas, templos e comunidades.
- ¹³ Nesse sentido, são exemplares os sons de festa ou música, cheiros de churrasco ou de café, que demarcam visitas ou momentos mais festivos, ou sons rotineiros, como o rádio ligado de manhã, indicando a presença da dona de casa sozinha na sua rotina.
- ¹⁴ Ver Pereira (2011), sobre os movimentos internos às casas em contexto festivo.
- ¹⁵ Uma das condições para uma casa cheia é a liberdade na gestão do tempo dos seus moradores, de modo que possam decidir se dedicar a receber alguém. Esse sentido da liberdade é recorrentemente comentado nas comparações entre a vida na área rural e a vida na grande cidade, em relação à qual se lamenta “não ter tempo” para receber e ficar com os visitantes, ou a vida em casas alheias e controladas, como nas memórias da vida de meeiro em algumas fazendas da região.
- ¹⁶ Uma formulação interessante da velocidade como elemento na etnografia dos deslocamentos e movimentações que atravessam e circunscrevem uma pequena cidade de Goiás, pode ser encontrada em Guedes (2013).
- ¹⁷ Ver por exemplo, Amaral (1988), Silva (1999), Ribeiro et al. (2002) ou Galizoni (2007). Antes desses deslocamentos nos anos setenta, relatos na região mencionam múltiplos deslocamentos já nas décadas anteriores, para o Paraná e oeste do estado de São Paulo, por exemplo.
- ¹⁸ Tive informações de trabalho sazonal na venda ambulante de artigos variados nas praias do litoral do Rio Grande do Sul até o da Bahia, viabilizado, em alguns dos casos, pela moradia de parentes em cidades litorâneas; o trabalho em empresas que atuam na construção de gasodutos e minerodutos; o trabalho em empresas calça-

distas do município de Nova Serrana, próximo a Belo Horizonte; e o trabalho em empresas de construção civil em Curitiba; além de um sem-número de atividades desenvolvidas em cidades do interior de São Paulo e na Grande São Paulo, onde quer que tenham parentes.

- ¹⁹ Ao contrário da Zona da Mata mineira, o termo “migração” é ali muito usado, referido principalmente ao trabalho sazonal no corte de cana no estado de São Paulo. Há na região um trabalho antigo e consistente da Pastoral do Migrante, em conjunto com ONGs e sindicatos, que politizou esse tema. Assim, mesmo tentando evitar a formulação nesses termos, foi muito comum que meu interesse de pesquisa fosse traduzido, por assim dizer, como interesse por *migração* e por *migrantes* e, portanto, pelas condições de vida e trabalho dos que se deslocam para o corte de cana ou colheita de café, especialmente por parte dos dirigentes e militantes sindicais, bem como por funcionários das prefeituras e de ONGs.
- ²⁰ Nessa região, nos últimos anos, muitas famílias de sítiantes que tinham seus terrenos nas *grotas* (vales acidentados) mudaram-se para povoados situados nos limites entre as *chapadas* (os topos planos das elevações) e as *grotas*, em áreas que oferecem melhores condições de transporte, abastecimento de água e acesso a sinal de celular. Com a generalização do acesso às motos, é possível residir a certa distância dos terrenos em que estão a roça e a criação, sem maior prejuízo das atividades agropecuárias.
- ²¹ Sobre a noção de *animação* e a noção de *movimento* em outra região de Minas Gerais, ver Dainese (2011). A respeito de uma noção próxima em uma análise que focaliza as transformações ocasionadas por comidas, bebidas e sons na Indonésia rural (Flores), ver Allerton (2012).
- ²² Sobre o lugar reconhecido como a origem da família ser algo central para a formação e persistência de redes de relações familiares no contexto da migração a partir de ilhas do Caribe, ver Olwig (2007). Roberta Novaes, em pesquisa em andamento, aborda o modo pelo qual os *peões* que trabalham na colheita de café em Minas Gerais percebem o lugar “de onde são”, que não é necessariamente seu local de nascimento.
- ²³ Para essa formulação, certamente é muito pertinente a aproximação com a noção de *relatedness* tal como proposta por Carsten em sua monografia sobre pescadores malaios (1997). Em outro contexto, noções como *povo* e *pessoal*, tal como tematizadas nos trabalhos de Carneiro (2010), Dainese (2011) e Guedes (2013) também apontam nessa direção.
- ²⁴ No sentido que dá a esse termo Foucault (2010).

- ²⁵ Para uma proposta de estudo da “ética ordinária”, no sentido de realizada nas práticas cotidianas referida aos critérios aí acionados, mais que a regras morais codificadas, ver a coletânea organizada por Lambek (2010).

Referências bibliográficas

ALLERTON, Catherine

- 2012 “Making Guests, Making ‘Liveliness’: The Transformative Substances and Sounds of Manggarai Hospitality”. *Journal of the Royal Anthropological Institute* (N.S.), S49-S62.

AMARAL, Leila

- 1988 *Do Jequitinhonha aos Canaviais: Em Busca do Paraíso Mineiro*, 3 v. Belo Horizonte, dissertação, UFMG.

ANDRIOLLI, Carmen Silvia

- 2011 *Sob as Vestes de Sertão Veredas, o Gerais. ‘Mexer com Criação’ no Sertão do Ibama*. Campinas, tese, Unicamp.

BAUMAN, Richard & BRIGGS, Charles

- 1990 “Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life”. *Annual Review of Anthropology*, vol. 19: 59-88.

CARNEIRO, Ana

- 2010 *O ‘Povo’ Parente dos Buracos: Mexida de Prosa e Cozinha no Cerrado Mineiro*. Rio de Janeiro, tese, Museu Nacional/UFRJ.

CARSTEN, Janet

- 1997 *The Heat of the Hearth. The process of kinship in a Malay fishing community*. Oxford, Claredon Press.

COMERFORD, John

- 2003 *Como uma Família. Sociabilidade, Territórios de Parentesco e Sindicalismo Rural*. Rio de Janeiro, RelumeDumará/ Nuap.

- 2007 “Herança da terra e conflito”. In DELGADO, N.; MOREIRA, R.; LIMA, E. (org.). *Mundo Rural IV: Configurações rural-urbana: poderes e políticas*. Rio de Janeiro, Editora Mauad/Edur.
- DAINESE, Grazielle
2011 *Chegar ao Cerrado Mineiro: Hospitalidade, Política e Paixões*. Rio de Janeiro, tese, UFRJ.
- DROTBOHM, Heike
2009 “Horizons of Long-Distance Intimacies: Reciprocity, Contribution and Dis-juncture”. In *Cape Verde. History of the Family*, 14: 132–149.
- FERREIRA, Letícia Carvalho de Mesquita
2011 *Uma Etnografia Para Muitas Ausências: O Desaparecimento de Pessoas como Ocorrência Policial e Problema Social*. Rio de Janeiro, tese, UFRJ.
- FOUCAULT, Michel
2010 *História da Sexualidade 2: O Uso Dos Prazeres*. Rio de Janeiro, Graal.
- GALIZONI, Flavia
2007 *A Terra Construída: Família, Trabalho e Ambiente no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais*. Fortaleza, BNB.
- GESSAT-ANSTETT, Élisabeth
2001 “Du collectif au communautaire. À propos des réseaux familiaux dans la Russie post-soviétique”. *L’Homme*, 157 janvier/mars.
- GUEDES, André Dumans
2013 *O Trecho, as Mães e os Papéis. Etnografia de Movimentos e Durações no Norte de Goiás*. Rio de Janeiro, Garamond.
- HAGE, Ghassan
2005 “A not so multi-sited ethnography of a not so imagined community”. *Anthropological Theory*, vol. 5, n. 4.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alásia
1989 *Formas de Dominação e Espaço Social: A Modernização da Agroindústria Canavieira em Alagoas*. Brasília/São Paulo, Cnpq/Marco Zero,

- INGOLD, Tim
2011 *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London, Routledge.
- LAMBEK, Michael (ed.)
2010 *Ordinary ethics. Anthropology, language and action*. New York, Fordham University Press.
- MARCELIN, Louis H.
1996 *L'invention de la Famille Afro-Américaine. Famille, Parenté et Domesticité Parmi les Noirs du Recôncavo da Bahia, Brésil*. Rio de Janeiro, tese, UFRJ.
- MARQUES, Ana Cláudia
2002 *Intrigas e Questões. Vingança de Família e Tramas Sociais no Sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/NUAP.
2013 "Founders, ancestors, and enemies: memory, family, time, and space in the Pernambuco sertão". *Journal of The Royal Anthropological Institute*, N.S., 19.
- NOVAES, Roberta Brandão
2011 *Gente de Fora: Vida e Trabalho dos Assalariados do Café em uma Região de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, E-Papers.
- OLWIG, Karen Fog
2007 *Caribbean Journeys: An Ethnography of Migration and Home in Three Family Networks*. Durham, Duke University Press Books.
- PALMEIRA, Moacir & ALMEIDA, Alfredo W. B.
1977 "A Invenção da Migração". In *Projeto Emprego e Mudança Sócio-Econômica no Nordeste*. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ (Mimeografado).
- PEREIRA, Luzimar Paulo
2011 *Os Giros do Sagrado. Um Estudo sobre Folias em Urucuia, MG*. Rio de Janeiro, 7Letras.
2013 "O movimento dos bichos: animais de criação, produção dos espaços e formas de sociabilidade em Urucuia, MG". Trabalho apresentado no 35º Encontro Da ANPOCS, Águas de Lindoia.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães et al.

2002 “Jequitinhonha, São Paulo, Jequitinhonha: Trabalho Urbano e Migrações de Retorno na Experiência de Lavradores Mineiros entre 1960/2000”. *Anais do X Seminário de Economia Mineira*, Belo Horizonte, Cedeplar.

RUFFATO, Luiz

2006 *Vista Parcial da Noite. Inferno Provisório. Volume III*. São Paulo, Record.

RUMSTAIN, Ariana

2011 *Peões no Trecho: Trajetórias e Estratégias de Mobilidade no Mato Grosso*. Rio De Janeiro, E- Papers.

SILVA, Maria Aparecida Moraes

1999 *Errantes do Fim do Século*. São Paulo, Unesp.

STACK Carol B.

1974 *All Our Kin: Strategies for Survival in a Black Community*. New York, Basic Books.

STAFFORD, Charles

2000 *Separation and Reunion in Modern China*. Cambridge, Cambridge University Press.

THOMAS, William & ZNANIECKI, Florian

1974 [1918] *The Polish Peasant in Europe and America*. 2 vols. New York, Octagon Press.

VILLELA, Jorge

2011 “Fazer Família e Fazer Política no Sertão de Pernambuco”. In CUSTÓDIA, Selma Sena & SUÁREZ, Mireya (orgs.). *Os Sentidos do Sertão*. Goiânia, Cànone, pp. 255-284.

To watch and to tell: On forms of observing, narrating and judging movements

ABSTRACT: Based on research in two rural areas in the state of Minas Gerais, Southeastern Brazil, this article approaches ways of moving, and of mutual and systematic observation of movements, in the daily life of multi-local moral communities. It also approaches narrative forms and the dynamics of moral judgment that cannot be separated from those ways of moving and observing movements. Narratives and moral judgments actually constitute movements, as people move to narrate or to listen to narratives, to judge and to listen to judgments, thus affording further observation and narrative. This systematic way of moving, knowing movements, re-creating events through narratives, making moral critique and governing one's own or other's movements, becomes denser in moments or places with an exceptional amount of movement (*movimento*) or liveliness (*animação*). It can be described as dynamic and polemical mapping procedures, in which houses and the movements between them become a focus of much attention and elaboration. Thus, houses are approached as places one can, in various manners, leave (or not leave), come to (or avoid coming to), and stay (for a lot or a little time), and inside of which there are movements that are also significantly observed and commented upon. This approach intends to contribute to an ethnographic starting point regarding movements as sociality or modes of sociation, thus avoiding predefinition of spatial classification grids and forms of categorizing movements, as well as avoiding to assume causal relations concerning previously established domains of social life.

KEYWORDS: Movement, sociality, morality, narrative, family and kinship, Minas Gerais.

Recebido em janeiro de 2014. Aceito em junho de 2014.